



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL - UEMS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE

CÁCILA ANDREA ALVES

**UM COELHO TRADUZIDO:
DA INFIDELIDADE AO TEXTO À FIDELIDADE AO LEITOR**

Campo Grande/MS
2016

CÁCILA ANDREA ALVES

**UM COELHO TRADUZIDO:
DA INFIDELIDADE AO TEXTO À FIDELIDADE AO LEITOR**

Artigo apresentado ao Curso de Graduação em Letras,
da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul –
Unidade de Campo Grande, como requisito final para
a obtenção do título de licenciado em Letras,
habilitação Português\inglês.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Bueno de Paula.

Campo Grande/MS
2016

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcelo Bueno de Paula
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Me. Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Me. Rony Márcio Cardoso Ferreira
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul / UEMS

UM COELHO TRADUZIDO: DA INFIDELIDADE AO TEXTO À FIDELIDADE AO LEITOR

ALVES, Cécila Andrea¹
PAULA, Marcelo Bueno (Orientador)²

Resumo: Este trabalho concentra-se no clássico infantil estadunidense *The Velveteen Rabbit or How toys become real*, de autoria de Margery Williams (1881-1944), examinando em particular a edição traduzida por Davi Gonçalves e lançada no Brasil em 2015 com o título “*O Coelho de Veludo: quando uma coisa De Mentira vira algo De Verdade*”. Nosso objetivo é discutir a partir dessa versão da obra alguns princípios de tradução e recriação, segundo Friedrich Schleiermacher e Antoine Berman, e sobretudo no que diz respeito a procedimentos de domesticação e estrangeirização, bem como abordar a problemática da tradução de literatura infantojuvenil, segundo conceitos de Itamar Even-Zohar.

Palavras-chave: Estudos da Tradução; Literatura Infantojuvenil; O Coelho de Veludo; Margery Williams.

A RABBIT TRANSLATED: INFIDELITY THE TEXT TO LOYALTY TO READERS

Abstract: This paper has focused on the American Children’s Classic *The Velveteen Rabbit or How toys become real*, by Margery Williams (1881 – 1944), looking into the edition translated by Davi Gonçalves and launched in Brazil in 2015 with the name of “*O Coelho de Veludo: quando uma coisa De Mentira vira algo De Verdade*”. We aimed to discuss some principles in translation and recreation from this version of work some principles related to translation and recreation, according to Friedrich Schleiermacher and Antoine Berman, and mainly in regard to the domestication and foreignization procedures as well as address the problems of translation concerning children and youth literature, according to Itamar Even-Zohar.

Key words: Translation studies; Juvenil Literature; The Velveteen Rabbit; Margery Williams

¹ Graduanda em Letras Português-Inglês pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). cacilaves@hotmail.com.

² Doutor em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Introdução

Dado que a tradução de obras infantis desde sempre teve espaço privilegiado no Brasil, neste artigo nos debruçaremos sobre uma tradução do gênero: a obra *The Velveteen: Rabbit or How Toys Become Real*, escrito por Margery Williams (1881-1944), renomada escritora estadunidense. O livro narra a história de um coelho de brinquedo que deseja ser real, ficção de essência existencial e afetiva, trabalhando um tema recorrente em obras infantis. Sabe-se que a autora conduziu a sua criatividade a partir de suas lembranças de infância e, após adulta, observando seus filhos brincarem entre brinquedos e animais.

A obra traduzida em edição impressa chegou ao Brasil em 2015, pela editora Poetisa, com a tradução de Davi Gonçalves e ilustração de Marcela Fehrenbach, cujo título escolhido foi *O coelho de veludo, quando uma coisa De Mentira vira algo De Verdade*.

Inicialmente, o trabalho apresentará alguns princípios sobre tradução e recriação, tendo como base conceitos de alguns importantes teóricos dos Estudos da Tradução. Em seguida, discorreremos brevemente sobre a literatura infantil e a sua importância dentro do sistema literário brasileiro, bem como traçaremos ainda os perfis da autora e do tradutor, além de uma síntese do livro de Williams. Por fim, realizaremos uma análise comparativa do texto fonte e da tradução. Em anexo, complementam o trabalho uma entrevista com Davi Gonçalves e rica iconografia sobre a obra.

1. TRADUÇÃO E RECRIAÇÃO

O ponto analítico de toda tradução está incontestavelmente ligado à sua proximidade ou distância do texto partida. A tradução, assim como a leitura, assume significados únicos conforme as conjunturas de seu leitor/tradutor. Todavia, nem sempre as teorias estão de acordo entre si. Além disso, alguns autores julgam a tradução como destruidora do texto, descaracterizadora. Robert Frost, por exemplo (Apud ARROJO, 1997, p.26), considera a tradução de textos poéticos algo impossível ou inferiorizante.

Embora tenhamos diferentes conceitos quanto às técnicas de tradução, podemos estabelecer um parâmetro se considerarmos o texto como um objeto instável, pois, o sentido está condicionado a cada indivíduo, de acordo com a sua trajetória sociocultural. Portanto, não é totalmente aceitável que se possa simplesmente transportar palavras.

O texto, como signo, deixa de ser a representação “fiel” de um objeto estável que possa existir fora do labirinto infinito da linguagem e passa a ser uma máquina de significados em potencial. A imagem exemplar do texto “original” deixa de ser, portanto, a de uma sequência de vagões que contêm uma carga determinável e totalmente resgatável. (ARROJO, 1997, p.23)

A literatura é responsável por uma variedade de eventos/ou situações de comunicação dentro de uma cultura. Tais interlocuções formam um grande sistema, onde o “centro” é normativizador e a “periferia” assume características “extrassistêmicas”, ou seja, não dominantes. Estes sistemas ainda se agrupam com outros sistemas paralelos. É o que nos diz a teoria desenvolvida por Itamar Even-Zohar, denominada de Teoria dos Polissistemas. Segundo ele, dentro de um sistema cultural, por exemplo, existem diversas correntes literárias ou culturais, algumas delas “canonizadas”, ou seja, legitimadas pelos centro detentores de poder, e outras “não-canonizadas”, pertencentes a uma periferia cultural frequentemente esquecida. Contudo, não se deve pensar em uma cultura com um único centro, pois a mesma geralmente apresenta inúmeros “centros e periferias”, que juntos formam uma coleção de elementos, sem os quais, obviamente, o sistema deixaria de funcionar.

A ideologia de uma cultura oficial como a única aceitável em uma dada sociedade tem como consequência uma massiva compulsão cultural que afeta a nações inteiras mediante um sistema educativo centralizado e que torna impossível, inclusive a estudiosos da cultura, observar e valorizar o papel das tensões dinâmicas que operam no seio da cultura para a sua efetiva manifestação. (EVEN-ZOHAR, s.d, p.8)

O escritor argentino Jorge Luis Borges, em seu conhecido ensaio “Las versiones homéricas”, afirma que o conceito de texto definitivo não corresponde senão à religião ou ao cansaço (BORGES, 2001, p. 255). De fato, a existência de um texto como objeto absolutamente estável é impossível, dado que a natureza da palavra, seja ela oral ou escrita, é de constante modificação, pois a inevitável mudança de contexto e de leitor sempre transforma o texto em outro.

É o que Borges também demonstra por meio de outro texto, o seu conto-ensaio “Pierre Menard, autor do Quixote”, quando até a aparentemente mais fiel das reescritas fracassa diante de seu propósito de conceber *ipsis litteris* uma segunda vez o romance de Miguel de Cervantes. Pierre Menard deseja a recriação do romance, mas sem alteração do texto de Cervantes. No conto, inicialmente pensa em reviver a época do contexto de Miguel de Cervantes. Mas, apesar de ter correspondência do texto, palavra por palavra, o fracasso da obra de Menard é evidente.

No conto de Borges (1944, p.41) o personagem diz: “Eu, de minha parte, assumi o misterioso dever de reconstruir literalmente sua obra espontânea”. Apesar da tentativa fracassada do protagonista se tornar Cervantes, seu empreendimento denota que é impossível a recriação de um texto obtendo-se fidelidade absoluta, uma vez que, como demonstra a narrativa borgiana, a natureza do texto é instável. Assim, a cada leitura de um enunciado implica uma nova perspectiva do mesmo. O deslocamento de tempo e espaço torna o texto, mesmo que reescrito literalmente, um outro texto. Como Borges afirma (2001, 255), não há um texto que seja definitivo, pois sempre haverá nova perspectiva que ressignifica ele.

1.1 Dois caminhos

Segundo Schleiermacher, (2010, p, 57), existem dois principais caminhos que norteiam a tradução, veredas que podem deixar o leitor o mais tranquilo possível ou deixá-lo fora de sua zona de conforto. Trajetos que cada tradutor poderá escolher, conforme a proposta de transposição do texto.

No primeiro dos caminhos mencionados, o tradutor utilizará de todo o seu conhecimento das línguas de partida e de chegada para trazer ao seu leitor a versão mais confortável possível. Assim, fará com que o que lhe cause estranhamento torne-se familiar, “domesticando,³” adaptando o texto de uma maneira que a leitura seja totalmente agradável e compreensível. Nas palavras de Schleiermacher “deixa o mais tranquilo possível o leitor e faz com que o escritor vá a seu encontro.”.

O segundo caminho opõem-se ao primeiro, assim, o propósito central é aceitar o que cause estranhamento, “estrangeirizando⁴”, preservando ou recriando características originais para que haja uma aproximação com a cultura do outro. Nessa direção, obviamente o leitor sairá de sua zona de conforto, assim: “o tradutor deixa o escritor o mais tranquilo possível e faz com que o leitor vá a seu encontro...”.

Posto que ambos os caminhos sejam válidos, Schleiermacher afirma que em nenhum deles deve-se cometer excessos, pois é preciso buscar uma medida adequada quanto ao processo de tradução, uma vez que, como os procedimentos são distintos, uma combinação sem o devido cuidado pode resultar em algo incompreensível. Segundo Schleiermacher:

³Domesticação, segundo teórico norte-americano Lawrence Venuti.

⁴Estrangeirização, segundo teórico norte-americano Lawrence Venuti.

A tradução se ordena, pois, a um estado que se acha a meio caminho entre estes dois, e o tradutor tem que colocar como meta proporcionar ao seu leitor uma imagem e um prazer semelhantes aos que a leitura da obra na língua original busca o homem culto, a quem, no melhor sentido dessas palavras, costumamos chamar aficionado e entendido, que conhece suficientemente a língua estrangeira sem que deixe de lhe parecer estranha e já não necessita, como os alunos, repensar na língua materna cada parte antes de compreender o todo. (2010, p.63)

As reflexões de Schleiermacher sobre trazer o escritor até o leitor ainda refletem-se nas concepções de tradução etnocêntrica e hipertextual. Berman (2013, p.40) nos diz que, “A tradução etnocêntrica é necessariamente hipertextual, e a tradução hipertextual, necessariamente é etnocêntrica”. Na hipertextualidade a reprodução é o eixo central, sendo válida toda forma de transformação. Nesta prática, o sentido original pode desfazer-se para dar lugar a uma recriação textual. O texto é criado a partir de um outro já existente, não existindo preocupação estrita com a letras do original.

Ainda segundo Berman (2013, 40), o hipertextual remete a um texto gerado por qualquer espécie de transformação formal, podendo ocorrer com essa técnica um suposto aperfeiçoamento do texto de partida, geralmente dando-lhe um aspecto naturalizado em relação à cultura para a qual se traduz.

Para o etnocêntrico, a cultura do texto de chegada será sempre a privilegiada, julgando-se desnecessário tudo que a ela se opõe; o sentido é o destaque central, deixando-se de lado estruturas ou formas. No etnocentrismo, o ato de traduzir não pode perturbar algo que é considerado superior, ou seja, a cultura que recebe a obra estrangeira. Por isso, toda transformação, adaptação ou domesticação implica em um problema ético. É um Procedimento controverso, uma vez que impeça no apagamento de diferenças culturais.

1.2 O leitor como bússola

Talvez, um dos caminhos mais coerentes para a realização de uma tradução, seja o estabelecimento de um projeto em que se pergunte para qual público ela está sendo direcionada e quais os objetivos que se buscam em tal trabalho. Assim, um projeto tradutório, seja ele grandioso ou sucinto, deve ter estratégias previamente delimitadas para se alcançar as metas desejadas, talvez um dos elementos mais importantes, dentro desse planejamento, seja justamente a escolha do seu público leitor, que conseqüentemente será paradigma de muitas outras finalidades.

Naturalmente, após a escolha do leitor será possível a definição de quais técnicas tradutórias serão utilizadas. A tradução será direcionada a um público leitor específico, e com

base nessa proposta que se avaliará a fidelidade ao texto de partida. Consequentemente, o objetivo será definido e certamente será conduzido para uma total satisfação do público alvo estabelecido. Portanto, é preciso conhecer as peculiaridades do leitor escolhido, para que as direções predefinidas não se contradigam.

Diferentes formas de comunicação poderão ser estabelecidas, e cada uma delas delimita a finalidade. Com reflexo na leitura do receptor escolhido, será pensada uma tradução de proposta mais literal ou não, assim percebemos, que o tipo de leitor e quem define a fidelidade e consequentemente define o objetivo.

Uma tradução predefinida a um público infantil, por exemplo, não trará satisfação ao seu leitor caso a linguagem seja totalmente culta, no entanto, outro tipo de leitor mais aficionado com uma leitura estrangeirizada, e obviamente familiarizado com esses termos, estará satisfeito com mais literalizante em algum aspecto, pois anseia por novas aprendizagens. No entanto, o receptor/leitor precisa entender a mensagem, para que possa ter satisfação com a leitura, independentemente de sua técnica tradutória. Vermeer diz:

O que importa é que a intenção a comunicar seja realizada no texto de chegada. Podemos estabelecer, como regra fundamental da tradução e interpretação que o receptor, dentro de sua situação, deverá apreender a mensagem. Esta teoria opõe-se frontalmente à tradicional tradução à letra. (1986, p. 6-7)

Ocorre que comumente temos traduções, que buscam apenas transportar as palavras, sem o desejo de que seu leitor esteja confortável com a leitura. No entanto, estes textos podem se tornar enigmáticos, visto que, alguns termos culturais são desconhecidos na cultura do outro, tornando o texto incompreensível. Assim, voltamos aos caminhos propostos por Schleiermacher: distanciar-se do leitor sendo rigoroso nas palavras do autor, ou adaptar o texto de partida e aproximá-lo? Questão bem recorrente entre os profissionais da área.

A princípio, é preciso entender qual a finalidade da tradução para que se responda sobre a sua coerência adequadamente. Vermeer (1986, p. 08) nos diz que “não é o texto de partida o factor determinante, não o é a fidelidade a este, mas a ‘fidelidade’ ao objectivo, à intenção, ao destino que se dá ao texto de chegada.”

Todo texto a ser traduzido inicia-se prioritariamente com um objetivo ou uma indicação, e dentro destes, os leitores são os alvos que se visa atingir. Ademais, há enorme diversidade de público: o escolar, que é reflexo do ensino de uma língua; o acadêmico, cuja tradução de conceitos também visa o ensino; sem contar as traduções de livros, que podem abordar inúmeras classes, de acordo com sua linha de conhecimento.

Todavia, se se têm diferentes tipos de leitores, é necessário observar que não se traduz textos “vazios”. O objetivo implícito na operação tradutória é sempre o de transmitir uma mensagem de um autor para um leitor. E cada tradução é voltada a um público em específico, e conseqüentemente esta escolha vai direcionar toda a tradução. Com base nesta proposta a bússola que mostrará a direção coerente a ser seguida sempre será o leitor.

2 GRANDE LITERATURA, PEQUENOS LEITORES.

Os primeiros clássicos infantis nasceram no seio da cultura popular, mas muitos também surgiram de adaptações de obras da literatura voltada aos adultos. Os textos adaptados são condensações e releituras dessa literatura adulta, apresentando linguagem e enredo mais simples, tendo como um dos objetivos centrais atrair a atenção do pequeno leitor. Nos últimos três séculos as obras infantojuvenis alcançaram uma multiplicidade de expressões, das quais destacam-se duas áreas: a *inovadora*, que procura estimular o leitor a ver o mundo de outras formas, e a *continuadora*, onde mostra o comportamento que devem ser seguido, ou evitado (COELHO, 2000, p. 150). Entretanto, o papel comum de ambas as propostas é o de estimular e desafiar o pequeno leitor.

No âmbito brasileiro, a literatura infantil teve sua revalorização em meados do século XIX. Durante o Modernismo, Monteiro Lobato foi quem abriu caminhos, apresentando uma literatura valorizadora do cotidiano e das brincadeiras dos pequenos. Nas obras Lobatianas, o maravilhoso é visto como algo possível, o imaginário mistura-se ao real, conduzindo o leitor/criança a um mundo encantado, mas com elementos do seu cotidiano. Tal tendência aproxima o pequeno leitor da realidade e estimula-o a observar o mundo à sua volta, formador de leitores críticos.

O livro infantil é entendido como uma “mensagem” entre um autor-adulto e um leitor-criança (COELHO, 2000, p. 31). Assim, a literatura passa a ser utilizada como uma forma de transmissão de valores do adulto para a criança. Além de divertir e provocar emoções, a literatura infantil amplia as experiências, proporcionando assim uma consciência de mundo através da leitura. Dessa maneira, a criança desenvolve o senso crítico, onde o imaginário torna-se real, um mundo da fantasia onde tudo pode acontecer. O pequeno leitor procura entender o inexplorado, formando seu conhecimento através das assimilações com o mundo em que vive.

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através das palavras. Funde os

sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possibilidade/impossível realização... (COELHO, 2000, p.27)

As obras infantojuvenis estão presentes na vida das crianças desde muito cedo, seja em casa, com o incentivo do pais, ou na escola, em sua aprendizagem. O primeiro contato com os livros em algumas famílias se fazem já na primeira infância que segundo Coelho (2000, p.33), vai dos 15/17 meses aos 3 anos, seguindo pela segunda infância até os seus 7anos. Nessas fases, os pais têm um importante papel, o do leitor, abrindo caminhos para um futuro leitor fluente e apreciador das letras. Após os 7 anos a criança já se encontra na fase de leitor iniciante, importante fase pra o incentivo à leitura, já que os pequenos estão em um período de ampliação do léxico, codificação das letras e da escrita. Momento de extrema importância, uma vez, que será o início da socialização através das primeiras sensações com o aprendizado. Em seguida, temos o leitor em processo (entre 8/9 anos), leitor fluente (a partir dos 10/11) e o leitor crítico após os 12/13 anos, fases onde já são capazes de interpretar os mecanismos da leitura sozinhos, porém, ainda necessitando de um motivador adulto, para possíveis dificuldades e um continuo estímulo e aprendizagem. Após essas fases, o leitor, já na adolescência, atinge a capacidade de reflexão e desenvolve o pensamento com certa agilidade, então um leitor mais acessível ao novo.

Em todas essas fases, a leitura exerce fascínio e encantamento no leitor, assim, grandes clássicos infantis se perpetuam na imaginação dos adultos, fazendo parte de sua bagagem cultural. Histórias empolgantes fascinam o leitor/criança de todas as épocas, visto que o clássico não é um livro antigo e fora de moda, mas um livro eterno que nunca sai de moda e encanta gerações (MACHADO, 2002, p.15), ou, como disse Italo Calvino, “um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer.” (CALVINO, 2007, p.10).

As traduções e adaptações de clássicos fazem parte do repertório de obras infantis. Em tal repertório, todas as atenções para com o leitor e suas necessidades devem ser levadas em conta. Portanto, é comum obras infantojuvenis apresentarem-se como adaptações, técnica considerada por alguns autores controversa, por entender que a única forma tradutória aceitável seria a literal. No entanto, outros as justificam como necessárias, uma vez que os traços culturais são sempre distintos e o texto de partida muitas vezes não abrange completamente o campo lexical da cultura de chegada.

A tradução direcionada ao público infantil requer um meticuloso projeto tradutório, onde são definidos primeiramente todos os propósitos e finalidades. Ainda que sejam os adultos diretamente ligados ao projetos, como tradutores, revisores, ilustradores e editores, o ponto

central das decisões precisa centrar-se no leitor/criança, já que seu pensamento infantil e lógico é diferente daquele do adulto.

2.1 Importância para o sistema literário.

Lembrando-se da Teoria dos Polissistemas, na qual todo o sistema literário é composto por centros e periferias. Nos sistemas literários as obras tendem a seguir as normas direcionadas pelos centros dominantes, nessa hegemonia, a literatura infantil é vista como um fenômeno vinculada à literatura adulta, por vezes considerada sem tanta importância, infelizmente, sendo distorcida como literatura autônoma e textos obras “não canonizados”, tendem a ser menosprezados. Desta forma, os produtos desses sistemas seguem um único objetivo, “resultados”, um consumo de textos como atividade mais importante dentro de um processo de produção.

O sistema segue as suas próprias leis tendo como ordem o gosto de grupos constituídos por grupos literários, editoras e críticos. Talvez, o objetivo central não deveria ser desta maneira, uma vez que, “nenhum campo de estudo, pode selecionar os objetos segundo regras de gosto”. (EVEN-ZOHR, s.d, p.5).

Para a teoria de polissistema, é um objetivo principal, e uma possibilidade a seu alcance, enfrentar as particulares condições nas quais uma literatura pode interferir em outra, como resultado do qual certas propriedades se transferem de um polissistema a outro. (EVEN-ZOHR s.d, p.18)

3. UM COELHO TRADUZIDO

Margery Williams Bianco nasceu em 22 de julho de 1881, em Londres. Era uma criança muito sonhadora, imaginava diferentes personagens com seus brinquedos. Banjo (2004)⁵ conta que seus pais eram extremamente rígidos quanto à sua educação, incentivando o hábito da leitura tanto para Margery quanto para sua irmã mais velha. Devido a esses estímulos, Bianco cresceu apreciando a leitura, e logo adquiriu o gosto também pelas letras. Em suas histórias, os personagens das brincadeiras de infância eram sempre lembrados. Aos sete anos de idade, seu pai faleceu e sua família mudou-se para os Estados Unidos. Nesse período frequentou o Convent School em Sharon Hill, na Pennsylvania, ficando ali até completar seus dezessete anos.

⁵ As demais informações biográficas da autora foram retiradas de BANJO, 2004.

Nessa época, Margery resolveu voltar a escrever, pois anteriormente sua ideia de ser escritora não havia sido bem aceita. Trabalhou numa empresa de livros de publicidade natalina, e em 1902 publicou seu primeiro romance para adultos *The Late Returning*, o qual, porém, não obteve muito sucesso.

Em 1904, casou-se com Francisco Bianco, um gerente de departamento de livros. O casal foi morar em Londres. Após isso, Margery parou de escrever para se dedicar aos seus dois filhos, Cecco e Pamela. A família viajou por um período pela Europa, e pôr fim a morada foi em Turin na Itália, pois seu esposo estava no exército italiano e lutou na I Guerra Mundial.

Seu tempo agora era dedicado apenas às crianças, assim, Margery se tornou apreciadora do trabalho do poeta inglês Walter de La Mare, que escreveu temas infantis, levando em conta os sentimentos dos pequenos. La Mare tinha como temas favoritos a infância, a morte e os sonhos. Suas obras têm um tom de mistério e melancolia. Essa leitura levou-a lembrar se de sua infância e de todos os personagens que havia criado, novamente encontrando inspiração para retornar a escrever. Além de suas lembranças, havia também a observação das brincadeiras dos filhos, sempre em meios a brinquedos e animais. Dessas apreciações surgiu a ideia para o seu livro mais popular, *The Velveteen Rabbit*, publicado em 1922. Na obra transparecem alguns elementos presentes em “La Mare”, escritor empenhado em mostrar os milagres e a realização de desejos infantis.

The Velveteen Rabbit, conta a história de um brinquedo (coelho), cujo maior desejo é tornar-se real. O protagonista surge como um presente de natal, e a partir de então juntamente com outros brinquedos de dentro de um armário, formula planos para tonar-se real. Existem diversas adaptações da obra para áudio, vídeo e teatro, ressaltando o seu sucesso entre o público. Embora tenha sido traduzida para diversas línguas desde há muito, apenas recentemente recebeu uma edição em livro no Brasil.

Ainda em 1922, Margery publica *Poor Cecco*. O livro que leva o nome de seu filho conta a história de um cachorro de madeira que deseja ir além da caixa de brinquedo, um cão corajoso e alegre que encanta todos na casa, mas que certo dia resolve ir em busca de aventuras. Essa temática dos animais de brinquedo também vai aparecer em *The Skin Horse* (1927), trabalhos que mostram como a autora era fascinada pelo tema.

Mais tarde, Bianco passa a escrever romances para jovens, com características diferentes dos anteriores. *Winterbound* conta a história de duas adolescentes que são obrigadas a cuidar da família na ausência de seus pais. O romance ganhou o prêmio Newbery Medal, prêmio anual

concedido pela Association for Library Service to Children da American a um autor que contribui para a literatura americana.

Margery adoeceu em 1944, e após três dias internada veio a falecer. O livro de maior sucesso da autora, *The Velveteen Rabbit*, foi incluído entre os 100 livros considerados os mais importantes para crianças nos Estados Unidos pela NEA-National Education Association.

O livro conta uma história permeada de magia, onde um menino ganha vários presentes de natal, entre eles está um coelho todo branquinho de orelhas cor de rosa. Contudo, no alvoreço de abrir todos os presentes dispostos em baixo de uma árvore o brinquedo é deixado de lado dentro de um armário, mágico, onde os brinquedos conversam entre si. Nesse local está também Skin Horse, um cavalo de madeira, considerado o mais sábio, pois há tempos está ali. Ao anoitecer o coelho e Skin conversam, e o coelho indaga a seu amigo — O que é ser DE VERDADE? (WILLIAMS, 2015, p.14) pergunta o coelho de veludo, mas descobre que a criança precisa lhe amar, responde Skin, assim ela o amará mesmo que esteja velho e sem cor, — Dói? — Às vezes, responde o cavalo WILLIAMS, 2015, p.16) O coelho a princípio desencanta de ser real, para ele isso era algo muito difícil. No entanto, um dia quando o menino foi deitar-se não encontrou seu cachorrinho de pelúcia, que era sua companhia favorita, as pressas “vovó” foi ao armário e pegou o primeiro brinquedo que avistou, — já sei disse ela, - fique com o seu amigo coelhinho. (WILLIAMS, 2015, p.18) disse ela ao menino, a partir deste dia o coelhinho de veludo era o brinquedo preferido da criança.

Os abraços lhe esquentavam a noite, a princípio era sufocante, mas logo tornou-se aconchegante estar ao lado do menino. Com o tempo o coelho foi perdendo sua cor, seu brilho, mas ele nem notou todas estas transformações, os dias de brincadeiras no quintal eram maravilhosos, eles faziam cabanas mágicas entre outras brincadeiras que eram motivos de grande alegria.

Uma certa manhã o menino acordou com a pele quente, tão quente que até queimava o coelho que dormia abraçado a ele. Logo, pessoas estranhas começaram a chegar e sair da casa, o coelho embaixo dos lenços ouvia toda a movimentação e as conversas com o estranho, que na verdade era um médico, o coelho ouviu que o menino poderia ir para praia pois já havia um tempo que estava entre cuidados e não saía de casa. O coelho ficou todo entusiasmado pois o menino já havia falado da praia, portanto desejava muito conhecer, e esse seria o momento deles juntos brincarem na areia. Mas seu pensamento logo foi interrompido, pela “vovó” que mostrou o coelho ao médico.

A ordem agora era que os brinquedos que haviam estado em contato com o menino fossem queimados, pois a doença que a criança havia adquirido se dava através do contato com bactérias, essas que poderiam estar nos brinquedos, portanto, todos deveriam ser eliminado para evitar outra contaminação. — esse aí, falou o médico apontando para o coelhinho, — esse sim precisa ser eliminado! (WILLIAMS, 2015, p.18) E assim, juntamente com livros velhos e um monte de lixo o coelho foi parar dentro de um saco e levado para fora do jardim, atrás do galinheiro. Um local propício para uma fogueira, porém o responsável para este serviço, o jardineiro, estava muito atarefado e deixou para fazer a fogueira pela manhã bem cedo.

Nesta noite, o coelhinho sentiu frio pois seu corpo estava acostumado a dormir entre os braços do menino e agora seu pelo já estava bastante gasto, e entre sentimentos e lembranças, o coelho começou a chorar e uma lágrima de verdade rolou de seus olhos de botão e caiu ao chão, e do local começou a crescer uma bela flor, que cresceu muito rápido e de dentro dela apareceu uma fada que indagou ao coelhinho — você me conhece? — eu acho que não, respondeu ele, o coelhinho tinha uma leve lembrança mas não conseguia lembrar-se ao certo, então, ela disse, — Eu sou a fada do armário de brinquedo! (WILLIAMS, 2015, p.39), eu que cuido dos brinquedos que as crianças amam, eu os transformam em coisas de Verdade.

Assim, a fada pegou o coelho de veludo e levou-o entre os arbustos até um ponto da floresta e dando-lhe um beijo deixou-o ao chão, e disse – Vá, coelhinho! Corra e brinque com seus novos amigos! (WILLIAMS, 2015, p.41)), mas o Coelho de veludo ficou intacto, apenas após alguns instantes percebeu que sua patinha dianteira dobrou para se coçar. Neste momento, notou que no lugar de seu pelo gasto tinha agora uma pelo marrom e um focinho brilhante, e comemorou com um grande pulo, a fada não estava mais ali, e agora ele era De Verdade. O verão chegou e em um dia quente e ensolarado avistou a criança no jardim e reciprocamente ambos perceberam algo familiar. Mas jamais a criança poderia imaginar que aquele era o seu amiguinho, o seu companheiro, mas ele agradeceu pulando e saltitando por todo o jardim a oportunidade de tornar Real.

3.1 Perfil do tradutor.

Professor, tradutor e doutorando em Estudos de Tradução na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), Davi Silva Gonçalves nasceu na cidade de Ribeirão Preto em São Paulo, em 12/10/1988. Atualmente mora em Florianópolis, Santa Catarina. Possui licenciatura em Letras Inglês e Literaturas Correspondentes pela Universidade Estadual de Maringá (2010),

Bacharelado em Tradução em Língua Inglesa pela mesma intuição (2011). Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Língua Inglesa pela Universidade Federal de Santa Catarina (2014), cursando atualmente doutorado na área de Teoria, Crítica e História da Tradução também pela Universidade de Santa Catarina, com o título o seguinte título provisório de tese: “*That Place Called Mariposa: A literary Analysis and Translation Proposal of Humour in Stephen Leacock? Sunshine Sketches of a Little Town(1912)*”.

Fazem ainda parte de seu currículo, tradução de contos, artigos acadêmicos e livros. Em 2011, por exemplo, realizou algumas traduções de artigos sobre astronomia da Universidade do Arizona: “Um pouco do processo periglacial de Aonia Terra”, “Dunas e ondulações na Cratera Proctor”, “Formação circular enrugada”, “Camadas vulcânicas em fosso”, “Nova cratera de impacto formada entre 01/2006 e 05/2008” e “Formato estelar”. Em 2013, Gonçalves traduziu o artigo “Intérpretes e Tradutores em Zonas de Guerra: Narrados e Narradores” (Tubarão: Copiart, 2013), autor traduzido: Mona Maker; e o *Caderno de Resumos do XI Congresso Internacional da Abrapt e V Congresso Internacional de Tradutores*. Em 2014, é sua a tradução do artigo “O materialismo de Leopardi e o mundo animal” autora traduzida: Pamela Williams.

No ano de 2015 traduziu os contos “A Coisa Perversa”, “A Casa das Máquinas” e “Sombras de Carcosa”, do escritor estadunidense Ambrose Bierce, os quais integram o volume *Sombras de Carcosa* (São Paulo: Poetisa) É em 2015 também que apresenta ao público infantil brasileiro a tradução da obra de Williams: *O Coelho de Veludo: Quando uma coisa De Mentira vira algo De Verdade* (Poetisa), até então inédita em livro no Brasil.

Gonçalves conheceu a obra durante a sua graduação, em uma disciplina de Literatura Infantojuvenil, quando foi solicitado aos acadêmicos uma pesquisa sobre clássicos infantis norte-americanos. Em entrevista ao jornal Notícias do dia, de Florianópolis, o tradutor relata que a ideia de tradução surgiu muito depois em conversa com uma das sócias da editora Poetisa, Cynthia Beatrice Costa. Colegas de doutorado, eles trocaram ideias sobre a possibilidade de novas traduções. Assim, surgiu a indicação da obra de Margery Williams. A editora foi fundamental em todo o processo de tradução do clássico, pois apostou na ideia e a incentivou.

A edição brasileira do coelhinho de Williams foi editada com cuidado e refinamento. O volume possui uma nota do tradutor, algo bem incomum em obras de literatura infantojuvenil. Há ainda no exemplar uma breve apresentação das editoras Cynthia Beatrice Costa e Juliana Lopes Bernadino, havendo igualmente espaço para uma nota da ilustradora, Marcela Fehrenbach, e de uma psicóloga, Luísa Gonçalves.

3.2 Análise da tradução

Veremos neste tópico os significados e interpretações do tradutor Davi Gonçalves na obra *O Coelho de Veludo: Quando uma coisa De Mentira vira algo De Verdade*. Tendo como base as teorias observadas ao longo deste trabalho faremos uma análise comparativa entre o texto original de Margery Williams e a obra traduzida, a fim de evidenciar as concepções do tradutor.

Margery Williams	Trad. Davi Gonçalves
[Título]	[Título]
<i>The Velveteen Rabbit: or How Toys Become Real</i>	<i>O coelho de veludo: Quando algo De Mentira vira algo De Verdade</i>

Quanto à tradução do título da obra, *The Velveteen Rabbit or How toys become Real*, o tradutor relata em sua nota explicativa que a escolha do título foi pensada em busca de singularidade, já que em outros idiomas a palavra “veludo” ainda não havia sido utilizada em nenhuma tradução. Ademais, segundo Paula (2016, p.263), *Velveteen Rabbit*, literalmente seria “Coelho de Belbutina”, um vocábulo que não soaria tão harmonioso para uma criança ou adulto, mesmo sabendo se que “belbutina” é uma espécie de tecido fino e aveludado feito de algodão. Contudo, “veludo” pode gerar uma certa estranheza, mas a escolha deixou características essenciais e peculiares na história, e graça a essa particularidade do revestimento do coelho, podemos perceber ao longo da narrativa, como, por exemplo o material do qual o personagem vai se degradando ao tempo que seu desejo de se tornar real se intensifica. Assim, o “veludo”, inicialmente evidenciado por ser tão macio e brilhante, mostra-se ao final da história rasgado e sujo, mostrando todas as mudanças que seu corpo sofre. A importância dada ao título, mostra a preocupação do tradutor, não apenas com o conceito singular da história, mas com o enredo como um todo. A escolha de “veludo” também pode ampliar o vocabulário da criança, algo valioso nessa fase de aprendizagem do pequeno leitor.

Adaptações são observadas desde o início da obra. Conforme diz Geir Campos (1986, p. 42), aplica-se a adaptação nos casos em que a situação em que o texto original não faz parte do repertório cultural dos falantes. Alguns elementos em obras que normalmente seguem essa técnica são os títulos, nomes, comidas, religião, entre outros costumes que são específicos de

uma determinada cultura. O tradutor poderá não encontrar termos semelhantes, próximos, e assim considerá-lo desconhecido dentro do repertório do texto de chegada, nesses casos será de extrema eficácia essa técnica. Convém lembrar que para Berman semelhante procedimento é tomado como uma ação etnocêntrica, que apaga, como já vimos, a cultura do outro. Todavia, estamos diante de um texto voltado a um público diferenciado, ou seja, infantil, e as decisões quanto a manutenção ou não de determinados traços da cultura do outro tem diferentes implicações.

Margery Williams	Trad. Davi Gonçalves
On Christmas morning, when he sat wedged in the top of the boy's stocking, with a sprig of holly between his paws, the effect was charming. (s.p.)	Naquela manhã de natal, acomodado junto com outros presentes ao pé da árvore e enfeitado com um ramo de flores preso em suas patinhas, ele estava mesmo muito bonito. (p. 11)

No fragmento acima, percebemos que há uma apresentação do contexto da história. Para os americanos, o mês de dezembro é uma estação muito fria, com isso, uma das tradições natalinas é dispor os presentes em uma meia pendurada em uma lareira. Claramente, na tradução, traços que fazem parte especificamente da cultura do outro foram adaptados. Os elementos contextualizados no original são hábitos americanos comuns, no entanto estão distantes das tradições natalinas brasileiras. A palavra “stocking”, “meia” onde estão dispostos os presentes, foi trocada por “árvore”, para que os presentes na tradução apareçam ao pé da mesma, pois no Brasil é dessa maneira que grande parte das famílias deixam suas lembranças de natal.

Ainda nesse trecho, o termo “sprig of holly”, aparece na tradução como ramo de flores. Em verdade, trata-se do “azevinho”, nome de uma planta típica da Europa e muito utilizada em ornamentação natalina. (Ver ANEXO, imagem 8).

Margery Williams	Trad. Davi Gonçalves
There were other things in the stocking, nuts and oranges and toy engine, and chocolate almonds and a clockwork mouse.(s.p.)	Havia várias coisas ao pé da árvore: chocolates, doces, balas, um ratinho de corda e até um autorama. (p.12)

Em seguida, é mencionado que também se encontram na meia “nuts and orange and a toy engine”, ao passo que na tradução temos “chocolates, doces e balas” e um “autorama”. Percebemos, portanto, a domesticação cultural, pois na nossa cultura não recebemos frutas como presente de natal. Além disso, “autorama” traz à lembrança de brincadeiras típicas de meninos. Entretanto, isso não interfere na identificação que se espera entre o leitor brasileiro e a história. O contexto natalino foi recriado segundo nossos costumes, evitando o estranhamento do leitor/criança, que certamente não se identificariam com os elementos mencionados por Williams.

Margery Williams	Trad. Davi Gonçalves
But the rabbit was quite the best of all. For at least two hours the boy loved him.(s.p.)	Mas o Coelho era, sem dúvida, o melhor presente entre todos eles. Ao recebê-los, foi o Coelho que a Criança se apaixonou, e tanto amor durou pelo menos duas horas. (p.12)

A troca de “boy” para “criança” na tradução é perceptível nesse excerto. Diante disso, nós questionamos qual seria a intenção objetivada por Gonçalves para tal alteração de gênero. Em entrevista concedida via e-mail, o tradutor diz:

Ao trocar a palavra "boy" (menino) por criança, em português, adiciono a narrativa uma continuidade distinta para sua estória, pois potencializo a possibilidade de que leitorAs também se identifiquem com o personagem. Assim, minha tradução dá às pequenas brasileiras uma maior chance de se colocar no lugar daquele menino e de se imaginar na narrativa. (GONÇAVES, 2016. s.p.)

Margery Williams	Trad. Davi Gonçalves
For a long time he lived in the toy cupboard or on the nursery floor.(s.p.)	Por muito tempo, ele viveu no armário de brinquedo que ficava na sala de estar. (.p.12)

O excerto demonstra uma distinção entre os locais onde os brinquedos são guardados, em inglês “nursery”, segundo Cambridge Dictionary, “creche, pré escola, ou quarto de bebê”, no entanto, nenhuma destas palavras seria apropriadas visto ao enredo da história e sua transposição para o contexto brasileiro.

Margery Williams	Trad. Davi Gonçalves
There was a person called Nana, who ruled the nursery.(s.p.)	Na casa, havia uma pessoa a quem chamavam de vovó e que parecia ser a chefe. (p.17)

Na narrativa em inglês o nome próprio denota um tom carinhoso, mostrando uma aproximação da personagem com o menino. Da mesma forma, o tradutor buscou aproximar o contato da personagem com a criança, pois para os brasileiros a vovó é vista como alguém responsável e carinhosa. Entretanto, também pode retratar uma família menos favorecida, uma vez, que em nosso contexto muitos avós cuidam de seus netos para que os pais possam trabalhar. Deste modo, realça uma realidade do contexto brasileiro.

Constatamos ao longo da obra, que o procedimento de adaptação foi conscienciosamente utilizado, tendo como principal intuito o de acomodar o contexto cultural do texto de partida ao texto de chegada. Dessa forma, a técnica levou entusiasmo para a leitura, caso contrário, poderia ser desprezada ou até mesmo negativa para o leitor/criança. Toda essa harmonia em torno do repertório textual se fez conveniente, visto que, os pequenos leitores ainda estão descobrindo a cultura do outro, logo, a criança se aproximará de outras culturas espontaneamente, na medida em que são apresentadas a novas leituras.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tradução de qualquer gênero requer tradutores empenhados, que enfrentam desafios constantes, uma vez, que todos têm o desejo e a frustração quanto o transporte de significados entre a língua de partida e a de chegada. Traduzir requer habilidade e uma ampla percepção e entendimento dos textos e objetivos a serem transpostos, pois, por mais literal que uma tradução almeje ser, sempre carregará a ideologia e as marcas de seu tradutor. Logo, o texto de chegada nunca é livre de interpretações, nunca é alheio ao seu tradutor.

Nossa análise da tradução obra de Williams demonstra as diversas interpretações e o diálogo cultural que a transposição de um texto implica. E como o leitor/criança sente prazer pela leitura, portanto, os trabalhos que envolvem este público precisam ser criteriosos levando em conta todos os elementos que os norteiam. É por isso que muitas vezes, nas mais gratas, esse pequeno leitor influencia e direciona todo um projeto tradutório e conceitos equivocados

como estrangeirização absoluta e fidelidade formal e semântica ao texto-fonte tem suas especificidades nessa categoria e precisam sempre ser repensadas.

Comparada a outras modalidades literárias, a tradução de obras infantojuvenis tende a ser menos prestigiada e incentivada. Todavia, é uma situação que vem se modificando, ainda que lenta e limitadamente, mas já temos exemplos que apontam para um futuro melhor quanto a isso, como a realização do Seminário Internacional de Literatura Infantil e Juvenil, que acontece em Florianópolis.

Por fim, é comum pequeno leitor buscar nos livros um universo de fascínio onde sonhos se tornam reais. Crianças admiram o aspecto lúdico, gostam do místico, procuram viver em mundo mágico. Como acertadamente disse Italo Calvino (2007, p. 10):

As leituras da juventude podem ser pouco profícuas pela impaciência, distração, inexperiência das instruções para o seu, inexperiência da vida. Podem ser (talvez ao mesmo tempo) formativas no sentido de que dão uma forma às experiências futuras, fornecendo modelos, recipientes, termos de comparação, esquemas de classificação, escalas de valores, paradigmas de beleza: todas, coisa que continuam a valer mesmo que nos recordemos pouco ou nada do livro lido na juventude. Relendo o livro na idade madura, acontece reencontrar aquelas constantes que já fazem parte de nossos mecanismos interiores e cuja origem havíamos esquecido. Existe uma força particular da obra que consegue fazer-se esquecer enquanto tal, mas que deixa sua semente. (CALVINO, 2007, p.10)

REFERÊNCIAS

ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução. A teoria na prática**. 3ª edição, São Paulo: Ática, 1997. Série princípios.

BANJO, Omotayo. **Bianco, Margery Williams**, Spring 2004. Disponível em: <http://pabook2.libraries.psu.edu/palitmap/bios/Bianco__Margery_Williams.html>. Acesso 19 mar. 2016.

BERMAN, Antoine, **A tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo/Antoine Berman**; tradução Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini; revisores Luana Ferreira de Freitas, Marie-Hélène Catheine Torres, Mauri Furlan, Orlando Luzi de Araújo -2. ed. Tubarão: Copiart: Florianópolis, 2013.

BARROS, Karin. **Tradutor de "O Coelho de Veludo", Davi Gonçalves**. Disponível em: <<http://ndonline.com.br/florianopolis/plural/tradutor-de-o-coelho-de-veludo-davi-goncalves-estara-em-florianopolis-para-lancamento-da>>. Acesso 09 abr.2016.

BORGES, Jorge Luis. **Obras completas**: v.1. Buenos Aires: Emecé.2001.

_____. **Ficções**, tradução Davi Arriguci Jr. 8ª reimpressão. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CAMPOS, Geir. **O que é tradução**. São Paulo: Brasiliense, 1986. Coleção primeiros passos.

COELHO, Nelly Novais. **Literatura Infantil**: teoria, análise, didática. – 1. Ed. – São Paulo: Moderna, 2000.

EVEN-ZOHR, Itamar. **Teoria dos Polissistemas**. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/translatio/article/viewFile/42899/27134>>. Acesso 08 fev. 2016.

GONÇALVES, Davi Silva. **Entrevista inédita** concedida à Cécila Andrea Alves. 17 set. 2016.

MACHADO, Ana Maria. **Como e porque ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

PAULA, Marcelo Bueno. O Coelho de Veludo: quando uma coisa De Mentira vira algo De Verdade. **Belas Infiéis**, v. 5, n. 1, p. 261-263, 2016.

ROGERIO, Cristina. Editora poetiza: **Traduzir e recriar**. 2015. Disponível em: <<http://esconderijos.com.br/editora-poetisa-traduzir-e-criar/>>. Acesso 09 abr. 2016.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. Ueber die verschiedenen methoden des Uebersezens/ Sobre os diferentes métodos de tradução. Trad. Celso R. Braidá. In: HERDERMANN, Werner (org.). **Clássicos da teoria da tradução** (Antologia bilíngue). V. 1: Alemão-Português. 2 ed., rev, e ampl. Florianópolis: NUPLITT/PEGET-UFSC, 2010.

VERMEER, Hans. J. **Esboço de uma Teoria da Tradução**. Lisboa: Edições ASA, 1986.

VENUTI, Lawrence. **The translator's invisibility: a history of translation**. London: Routledge, 1995.

WILLIAMS, Margery. Disponível em: <http://www.goodreads.com/author/show/83846.Margery_Williams>. Acesso 19 mar. 2016.

WILLIAMS, Margery. **O coelho de veludo: quando uma coisa de mentira vira algo de verdade**. Tradução de Davi Gonçalves e ilustração de Marcela Fehrenbach. São Paulo: Poetiza, 2015.

APÊNDICE – DAVI GONÇALVES (Bibliografia e entrevista)

OBRAS TRADUZIDAS:

Livros, contos e artigos acadêmicos:

WILLIAMS, Margery. O Coelho de Veludo: Quando uma coisa De Mentira vira algo De Verdade. Trad. Davi Gonçalves. São Paulo: Poetisa, 2015. (Tradução/Livro).

Referências adicionais: Brasil/Português; Meio de divulgação: Impresso; Homepage: <http://www.editorapoetisa.com.br/>; Autor traduzido: Margery Williams; Título da obra original: The Velveteen Rabbit or How Toys become Real; Número da revisão: 1; ISSN/ISBN: 9788568790014.

GONÇALVES, D. S. A Casa das Máquinas. São Paulo: Poetisa, 2015. (Tradução/Conto).

Referências adicionais: Brasil/Português; Meio de divulgação: Impresso; Homepage: <http://www.editorapoetisa.com.br/>; Autor traduzido: Ambrose Bierce; Título da obra original: Moxon's Master; ISSN/ISBN: 9788568790038.

Tradução de conto para o livro "Sombras de Carcosa: Contos de Terror Cósmico".

GONÇALVES, D. S. A Coisa Perversa. São Paulo: Poetisa, 2015. (Tradução/Conto).

Referências adicionais: Brasil/Português; Meio de divulgação: Impresso; Homepage: <http://www.editorapoetisa.com.br/>; Autor traduzido: Ambrose Bierce; Título da obra original: The Damned Thing; ISSN/ISBN: 9788568790038.

Tradução de conto para o livro "Sombras de Carcosa: Contos de Terror Cósmico".

GONÇALVES, D. S. Carcosa. Florianópolis: Poetisa, 2015. (Tradução/Conto). Referências adicionais: Brasil/Português; Meio de divulgação: Impresso; Homepage: <http://www.editorapoetisa.com.br/>; Autor traduzido: Ambrose Bierce; Título da obra original: An Inhabitant of Carcosa; ISSN/ISBN: 9788568790038.

Tradução de contos para o livro "Sombras de Carcosa: Contos de Terror Cósmico".

GONÇALVES, D. S.; GUERINI, A. O materialismo de Leopardi e o mundo animal. Florianópolis: DLLE-UFSC, 2014. (Tradução/Artigo). Palavras-chave: Materialismo; Leopardi; Animal. Grande área: Lingüística, Letras e Artes Grande Área: Ciências Humanas / Área: Filosofia. Referências adicionais: Brasil/Português; Meio de divulgação: Digital; Homepage: http://www.appuntileopardiani.cce.ufsc.br/edition08/artigos/O-materialismo-de-Leopardi-e-o-mundo-animal.php#_edn1; Autor traduzido: Pamela Williams; Título da obra original: Leopardi's Materialism and The Animal World; Número da revisão: 8; ISSN/ISBN: 2179-6106.

GONÇALVES, D. S.; FERNANDES, L. Intérpretes e Tradutores em Zonas de Guerra: Narrados e Narradores. Tubarão - SC: Editora Copiart, 2013. (Tradução/Artigo). Referências adicionais: Brasil/Português; Meio de divulgação: Impresso; Autor traduzido: Mona Baker; Título da obra original: Interpreters and Translators in the War Zone: Narrated and Narrators; ISSN/ISBN: 9781905763238.

GONÇALVES, D. S. Caderno de Resumos do XI Congresso Internacional da Abrapt e V Congresso Internacional de Tradutores. Florianópolis: UFSC, 2013. (Tradução/Livro de resumos). Grande área: Lingüística, Letras e Artes Referências adicionais: Brasil/Inglês; Meio de divulgação: Digital; Homepage: <http://abrapt.files.wordpress.com/2013/11/abrapt-2013-resumos.pdf>; Autor traduzido: Walter Carlos Costa e Marie-Hélène C.Torres (Organizadores); Título da obra original: Caderno de Resumos do XI Congresso Internacional da Abrapt e V Congresso Internacional de Tradutores; Número da revisão: 11; ISSN/ISBN: 9788561483852.

Artigos da Universidade do Arizona acerca de imagens coletadas pela NASA

GONÇALVES, D. S.. Um pouco do processo periglacial de Aonia Terra. Arizona: NASA/JPL/University of Arizona, 2011. (Tradução/Astronomia). Referências adicionais: Brasil/Português; Meio de divulgação: Digital; Homepage: http://hirise.lpl.arizona.edu/pt/ESP_013958_1170; Autor traduzido: Albert Ortiz and Michael Mellon; Título da obra original: Aonia Terra Periglacial Sample.

GONÇALVES, D. S.. Dunas e ondulações na Cratera Proctor. Arizona: NASA/JPL/University of Arizona, 2011. (Tradução/Astronomia). Referências adicionais: Brasil/Português; Homepage: http://hirise.lpl.arizona.edu/pt/ESP_011909_1320; Autor traduzido: Nathan Bridges; Título da obra original: Sand Dunes and Ripples in Proctor Crater.

GONÇALVES, D. S.. Formação circular enrugada. Arizona: NASA/JPL/University of Arizona, 2011. (Tradução/Astronomia). Referências adicionais: Brasil/Português; Meio de divulgação: Digital; Homepage: http://hirise.lpl.arizona.edu/pt/ESP_012425_1455; Autor traduzido: Ross Beyer; Título da obra original: Rough-Textured Circular Feature.

GONÇALVES, D. S.. Camadas vulcânicas em fosso. Arizona: NASA/JPL/University of Arizona, 2011. (Tradução/Astronomia). Referências adicionais: Brasil/Português; Meio de divulgação: Digital; Homepage: http://hirise.lpl.arizona.edu/pt/ESP_012310_1715; Autor traduzido: Ross Beyer; Título da obra original: Volcanic Layers Exposed in Pit.

GONÇALVES, D. S.. Nova cratera de impacto formada entre 01/2006 e 05/2008. Arizona: NASA/JPL/University of Arizona, 2011. (Tradução/Astronomia). Referências adicionais: Brasil/Português; Meio de divulgação: Digital; Homepage: http://hirise.lpl.arizona.edu/pt/PSP_010862_1880; Autor traduzido: Ingrid Daubar; Título da obra original: New Impact Crater: Formed between Jan 2006 and May 2008.

GONÇALVES, D. S.. Formato estelar. Arizona: NASA/JPL/University of Arizona, 2011. (Tradução/Astronomia). Referências adicionais: Brasil/Português; Homepage: http://hirise.lpl.arizona.edu/pt/ESP_011842_0980; Autor traduzido: Candy Hansen; Título da obra original: Starburst Spider.

Entrevista com Davi Gonçalves (Setembro de 2016)

Cácila Andrea Alves - Qual o maior desafio na tradução de um clássico?

Davi Gonçalves⁶ - Talvez o fato de que, também por essa ter sido a tradução inédita (publicada) desse clássico em questão, existe a certeza de que ele será recebido por um número grande de leitores. Textos clássicos são clássicos porque, transcendendo as amarras de tempo e espaço, sobrevivem através de sua incansável leitura e releitura, por uma quantidade consistente de pessoas. Obras desconhecidas, às vezes, resultam em uma recepção mais limitada, ainda que essa não venha a ser a regra (há casos nos quais as traduções de clássicos podem ser esquecidas, assim como várias obras esquecidas podem ser canonizadas através da tradução). O desafio, nesse sentido, se dá porque tal aspecto, por mais cômodo que seja em termos financeiros, de divulgação do próprio trabalho e de formação de um público leitor no Brasil, também exige de nós, tradutores, uma responsabilidade redobrada. O cuidado ao traduzir o clássico é o cuidado de fazer justiça àquilo que o faz clássico; e exige dos tradutores originalidade no trato de seus atributos artísticos, independente de qual venha a ser o projeto de tradução seguido. Nesse sentido, ao menos para mim, não existe uma forma perfeita de traduzir o clássico, nem uma maior necessidade em tentar estar mais próximo ou distante do texto fonte - o desafio é propor uma releitura que, desviante ou regrada, permita o nascimento de um novo clássico, em um tempo e espaço distintos.

C.A.A. - Você se valeu de lembranças pessoais de sua infância para a adaptação?

D.G. - Do início ao fim, as escolhas tradutórias são permeadas pelas experiências de caráter mais pessoal - assim como pelos aprendizados teóricos e estratégias que acabam vindo através da prática. Não existe texto sem toque pessoal, logo não existe tradução sem toque pessoal. Nesse sentido, traduzir sem interpretar é impossível - e, nessa interpretação, o que ocorre é um diálogo entre o texto e a nossa percepção do mundo. Ou seja, existe uma relação direta entre essa (re)leitura e as conexões que somente ocorrem em nosso cérebro - conexões essas que nunca poderiam ser repetidas. Obviamente, essa interpretação está acompanhada por técnicas menos intuitivas e mais treinadas, que no meu caso vieram não só com a prática como também com o curso de bacharelado em tradução em língua inglesa (UEM-2011), o doutorado em estudos da tradução (UFSC-2014) e as leituras e cursos na área, que tenho acompanhado há quase dez anos. Ao traduzir um livro voltado para o público infantil, é bem verdade que, além de tudo isso, acontece mais do que nunca uma certa viagem no tempo; isto pois, me colocando como leitor, até certo ponto volto a ser criança ao me identificar com meu objeto de estudo. Por mais metafísico que pareça, o fazer da tradução não reside apenas no mundo físico, rompendo linearidades espaciais e temporais e colocando o tradutor entre o palpável e o intangível. Do treinamento e da experiência vem as escolhas mais bem pensadas, mais ponderadas, cruciais para o processo tradutório; porém, além delas, é necessário "desrobotizar" a tradução - lembrando que instinto, criatividade, intuição e espontaneidade também nos ajudam a (re)criar um texto de qualidade. Por mais que qualquer projeto de tradução precise desses dois lados, na literatura infantojuvenil, essa interface é ainda mais necessária. Afinal de contas no que

⁶Questionário recebido via e-mail em 17 de setembro de 2016, comunicação pessoal de Davi Gonçalves, (Texto na íntegra).

concerne aos nossos instintos, criatividade, intuição e espontaneidade, as crianças estão muito à frente de nós, adultos. Por isso nesse livro busquei uma utopia: fazer com que parte de mim pudesse voltar a ser um outro menino, em diálogo com o menino do livro original, criando também histórias fantasiosas e com sérias dificuldades para abandonar um brinquedo querido; eu já fui esse menino, e foi para ele que eu tentei traduzir.

C.A.A. - Quanto à solução na qual o gênero é mudado de menino para criança, você acredita que o leitor brasileiro foi favorecido?

D.G. - O livro de Williams é genial, e por isso nunca entraria no mérito de aderir a qualquer tipo de julgamento de valor no qual a ideia fosse designar se o original é melhor que a tradução, ou vice versa. Sendo essa a minha tradução, devo ser ainda mais cauteloso para não chegar a conclusões injustas ou prepotentes, já que vejo meu trabalho não como situado na ideia de perda nem de melhora dos "sentidos originais" (que nunca saberemos quais são), e sim na noção de uma continuidade. Metaforicamente falando, minha tradução não é maior nem menor que o original, é apenas como uma nova construção erguida em um mesmo terreno. No mundo da pesquisa em tradução, julgamentos de valor, assim como conceitos como fidelidade, estrangeirização, domesticação, ética, deformações, etc., já se mostraram muito pouco frutíferos, e por isso tendo a temê-los. Em vários sentidos o leitor do texto fonte é favorecido, assim como em vários sentidos o brasileiro também é. O aspecto citado em sua pergunta seria, sim, na minha opinião, uma das escolhas que fiz que acredito configurar um favorecimento do meu leitor. Ao trocar a palavra "boy" (menino) por criança, em português, adiciono a narrativa uma continuidade distinta para sua história, pois potencializo a possibilidade de que leitorAs também se identifiquem com o personagem. Assim, minha tradução dá às pequenas brasileiras uma maior chance de se colocar no lugar daquele menino e de se imaginar na narrativa. Trata-se esse de um processo muito comum naquilo que tange a leitura de literatura infantojuvenil, já que crianças adoram se ver efetivamente dentro das histórias que leem, tendo uma capacidade bem maior do que a nossa de fazê-lo (capacidade que, diga-se de passagem, eu particularmente invejo). Veja, trata-se essa de uma interferência manifesta, é verdade, mas estamos sempre interferindo no texto, mesmo quando não percebemos. Aqui o que fiz foi uma manipulação guiada por uma intenção ideológica, política e social - sendo essa uma preocupação que acho essencial para qualquer profissional tendo em vista o caráter formador que possui a literatura. Com esse movimento, busco expandir as possibilidades do texto, escrevendo nos espaços em branco do original um novo e talvez inesperado parágrafo.

C.A.A. - Você pretende traduzir outras obras da literatura infantojuvenil?

D.G. - No momento estou traduzindo o livro *Sunshine Sketches of a Little Town* (1912), um romance canadense do escritor e cientista político Stephen Leacock, além disso tenho trabalhado na tradução de crônicas. Surgindo a oportunidade, ficaria grato em traduzir novamente algum livro de literatura infantojuvenil; trata-se de um gênero muito acolhedor, agradável de se trabalhar. No mundo da literatura, arrisco dizer que as crianças são nosso público mais exigente, e, nesse sentido (ao contrário de que alguns possam acreditar), a

experiência de traduzir para elas é, mais que magnífica, um estímulo para desenvolver ainda mais nossas habilidades.

C.A.A. - A literatura infantojuvenil traduzida tem o estímulo necessário para o seu crescimento no âmbito brasileiro?

D.G. - O estímulo poderia ser maior, mas é também verdade que já foi muito pior. Exemplo disso é este evento do qual participo, o "Seminário Internacional de Literatura Infantil e Juvenil", o SLIJ é um seminário grande, que já teve seis edições. Este ano, em Florianópolis, trata-se da primeira vez em que um eixo sobre literatura infantojuvenil traduzida foi proposto - apenas na sétima edição do seminário. Se a literatura infantojuvenil é ainda um gênero que sofre considerável marginalização dentro da academia e naquilo que envolve outros tipos de instituições (apesar do giro comercial inegavelmente robusto associado a ela, em um momento no qual a relação criança-consumidor só tem sido expandida), no caso da literatura infantojuvenil traduzida o quadro é ainda menos convidativo. Ainda assim, reitero que esse cenário vem se transformando, também através de projetos inovadores como o da Editora Poetisa, que se situa no mercado literário com a proposta de publicar novas traduções de, principalmente, clássicos voltados para o público infantojuvenil.

ANEXO – ICONOGRAFIA

IMAGEM 1. (Capa do livro)

EDITORA: POETIZA



EDITORA: BOOKSTORE SHAPE

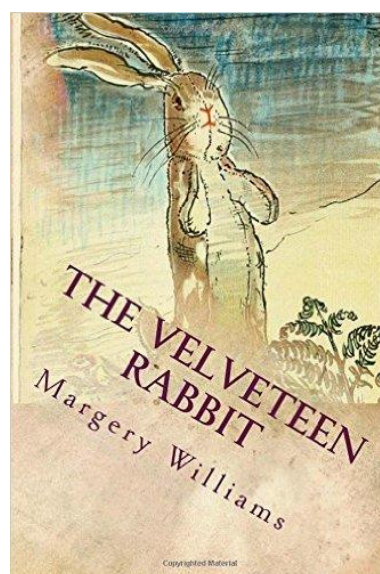


IMAGEM 2 (Christmas Morning)

(PROJETO DE MARCELA FEHRENBACH)

((ILLUSTRATIONS BY WILLIAM NICHOLSON))



Fonte: <https://www.behance.net/gallery/29808685/O-Coelho-de-Veludo>

Fonte <http://digital.library.upenn.edu/women/williams/rabbit/rabbit.html>

IMAGEM 3 (Spring Time)

(PROJETO DE MARCELA FEHRENBACH)

(ILLUSTRATIONS BY WILLIAM NICHOLSON)



Fonte: <https://www.behance.net/gallery/29808685/O-Coelho-de-Veludo>

Fonte <http://digital.library.upenn.edu/women/williams/rabbit/rabbit.html>

IMAGEM 4 (Summer Days)

(PROJETO DE MARCELA FEHRENBACH)

(ILLUSTRATIONS BY WILLIAM NICHOLSON)



Fonte: <https://www.behance.net/gallery/29808685/O-Coelho-de-Veludo>

Fonte <http://digital.library.upenn.edu/women/williams/rabbit/rabbit.html>

IMAGEM 5 (Anxious Times)

(PROJETO DE MARCELA FEHRENBACH)

(ILLUSTRATIONS BY WILLIAM NICHOLSON)



Fonte: <https://www.behance.net/gallery/29808685/O-Coelho-de-Veludo>

Fonte <http://digital.library.upenn.edu/women/williams/rabbit/rabbit.html>

IMAGEM 7 (The Fairy flower)

(PROJETO DE MARCELA FEHRENBACH)

(ILLUSTRATIONS BY WILLIAM NICHOLSON)



Fonte: <https://www.behance.net/gallery/29808685/O-Coelho-de-Veludo>

Fonte <http://digital.library.upenn.edu/women/williams/rabbit/rabbit.html>

IMAGEM 8

“Azevinho”



Fonte: <http://ambiente-natureza.blogspot.com.br/2012/12/planta-do-mesazevinho.html>.